



ROCCOJHWA

**ALINE
VALEK**

**CIDADES
AFUNDAM
EM
DIAS
NORMAIS**

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

GALERIA I: SECA

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

“Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.”

– Susan Sontag

*“as viagens são daqueles
que nunca deixaram sua aldeia
como as fotografias por direito pertencem
aos que não saíram na fotografia”*

– Ana Martins Marques

GALERIA I: SECA

AS FOTOGRAFIAS E DEPOIMENTOS REUNIDOS NESTA EXPOSIÇÃO SÃO, ACIMA DE tudo, um retrato de ruínas impossíveis de reconstruir: uma cidade aos pedaços, relações que se romperam, pessoas que partiram.

Henri Cartier-Bresson dizia que fotógrafos são aqueles que lidam com coisas que estão continuamente desaparecendo; e que, uma vez que elas desaparecem, não há mecanismo no mundo que as faça reaparecer. Resta apenas a fotografia e, dentro dela, um momento extinto.

Por isso, diante de uma foto, nada acontece; há apenas uma cena a se observar. Fotografias são imagens incapazes de se mover. Quem as põe em movimento é quem observa.

1.

NINGUÉM SABIA COMO ALTO DO OESTE HAVIA COMEÇADO A AFUNDAR, NEM como, dezesseis anos depois, a cidade ficou novamente descoberta. Os começos se perdem escorregadios, tanto numa ponta da história quanto na outra.

As primeiras fotos, no entanto, são alaranjadas. Disso se sabe porque ficou o registro: a água do lago, que não era das mais limpas, corroeu concreto, asfalto, metal. Lambeu das árvores as cores, deixou-as duras feito esculturas de argila seca.

O movimento silencioso de imagens sendo sobrescritas: as paredes da igreja, que lembravam pedras transparentes no fundo de um riacho quando antes cintilavam ao meio-dia, ficaram foscas como a alma de um pagão; os bancos da praça, monocromáticos, já não mostravam a variedade de caligrafias das pichações que antes os cobriam; pedaços de entulho, amontoados como restos de um navio naufragado devolvido pelo mar, dormiam onde um dia existiu uma parada de ônibus; um pequeno calango se arrastava desconfiado no banco de uma moto, abandonada, nada mais que uma escultura inútil no meio da praça.

Fogo.

As imagens começam assim: Kênia acendendo um cigarro, porque era muito desconfortável ficar diante da câmera quando o seu lugar, de verdade, era atrás dela. Não foi em razão disso que foram registrar essas imagens? Cidades-fantasma não emergiam do fundo de lagos todos os dias.

“Essa história não é minha”, ela fez questão de lembrar.

“Querendo ou não, você cresceu nesta cidade, morou aqui antes de tudo afundar.” No sotaque de Facundo, um vestígio sutil de espanhol portenho.

A câmera num tripé, apontada para a parede descascada que escolheram usar como pano de fundo.

Do recorte da câmera, não dava para saber se estavam numa casa com as paredes destruídas ou dentro de uma caverna. O tipo de ambiguidade de que Kênia gostava quando escolhia seus ângulos.

“Você tem fotos daquela época?”

“Nenhuma.” Ela riu. “Eu nem pensava em ser fotógrafa.” Se pudesse voltar no tempo, arranjaria uma forma de se convencer a fotografar qualquer coisa — a rua de casa, o interior do colégio, o lago avançando sobre a pista, o rosto dos colegas que tiveram as casas engolidas pela água. Fariam suas fotos de agora valerem uma grana. Não tinha. Restavam a ela apenas as memórias, que tinham a tendência de ficar distorcidas como uma paisagem vista por uma grande angular.

“Você já sabe como isso funciona.” Facundo tossiu para limpar a garganta. Kênia soltou a fumaça e balançou a cabeça, sinal de que estava pronta para começar. Ele perguntou: “Quando Alto do Oeste começou a afundar?”

“Ninguém sabe, na verdade.” Sua resposta ecoou junto com a dos outros entrevistados.

Ninguém lembrava, ninguém tinha uma data exata, diziam “olha, não sei” e faziam uma cara confusa, como se de repente percebessem o ridículo de não terem resposta para aquela pergunta tão óbvia. Na edição, essa sequência de respostas imprecisas ficaria linda.

“Quando começou a afundar para você?”

Ela pareceu procurar a resposta nalgum lugar do seu passado, o olhar perdido. Num canto, um cachorro cor de barro se deitava com a barriga e a cabeça no chão, os olhos em pingue-pongue passando de Facundo para Kênia, de Kênia para Facundo. Esperava por qualquer oportunidade de descolar comida.

“Teria sido mais fácil se tivesse acontecido de uma vez”, ela disse. “Como nos filmes de ação. A vida pode ser meio decepcionante. Parece que nada acontece, até você reparar que acabou. Que chegou num ponto que não tem mais volta. Foi assim que começou pra mim, acho: quando vi que nada ia voltar a ser como antes.”

Kênia apagou o cigarro antes de começar a contar.

2.

ALTO DO OESTE HAVIA SIDO CONSTRUÍDA EM CIMA DE UM MORRO, QUASE QUE cuspidada por acaso no meio do mapa. Cerrado e BR por todos os lados, localização geográfica perfeita para continuar no esquecimento.

O lago, que ficava na borda da cidade, levava um pouco de umidade para os moradores e amenizava um pouco a seca, que, como o sol, não abandonava aquele lugar.

O mesmo lago que trazia alívio, quem ia imaginar?, traria também a perdição.

Suas águas escuras permaneciam em silêncio na entrada da cidade, como se não tivessem nada a ver com aquilo, nada a declarar, nada para ver aqui. A pista continuava submersa, o que dificultava o acesso e se impunha como mais uma barreira para as histórias que pareciam esperar do outro lado.

Os urubus deslizavam em círculos num céu sem nuvens. Já não chovia havia meses.

Naquela região, costumava existir o antigo Rio dos Patos, desaparecido fazia quase duzentos anos — a única fonte sobre isso era um documento em que Goiás ainda era escrito com Y, e que descrevia as fronteiras e o território de uma fazenda. Não era possível saber por que o rio desaparecera, ou mesmo por que levava aquele nome. Difícil imaginar patos vivendo por ali. De que tipo eram? Marrecos? Pés-vermelhos? Aqueles grandes, do pescoço verde, que partiam para cima das pessoas? Não importava, ficaram no passado.

A questão é que o lago — artificial — passou a existir no mesmo ponto por onde o curso desse rio um dia passara. Coincidência ou planejamento, aquela parecia uma informação importante, apesar de pouco documentada.

Facundo não achou muito sobre Alto do Oeste na pesquisa que fez antes de embarcar na proposta de Kênia. Achou uma ou duas notícias mais recentes, que falavam do misterioso fenômeno da cidade que reaparecia depois de quase vinte anos submersa. Tudo impreciso, com um tom de notícia curiosa, daquelas que se lê o título e pensa “puxa, que mundo maluco”, antes de partir para a seção de fofocas.

ATLÂNTIDA DO CERRADO: CIDADE PERDIDA REAPARECE DEPOIS DE DEZESSEIS ANOS NO FUNDO DE UM LAGO

Lembra de Alto do Oeste? Nós da Redação também não. Submersa há dezesseis anos no fundo de um lago, a cidade deu as caras novamente graças ao agravamento do período de seca, que fez o lago que cobria a região recuar quase a ponto de desaparecer. Foi reportado que ex-moradores voltaram a ocupar o lugar, que está reduzido a ruínas. Até o fechamento desta edição não conseguimos contato com nenhum alto-oestino, mas há uma imagem circulando na rede onde se vê o estado atual das ruas da antiga cidade. O professor Abadia Feijó, do Instituto de Estudo do Meio Ambiente, afirma que não é possível determinar uma causa ou explicação para o fenômeno, mas especula que pode ter acontecido em decorrência das mudanças climáticas que vêm castigando a região Centro-Oeste com a seca mais severa dos últimos anos.

CIDADE QUE AFUNDOU HÁ VINTE ANOS RETORNA E EX-MORADORES QUEREM SUAS CASAS DE VOLTA

Nos últimos dias, os habitantes de Entrepassos não falam de outra coisa: a cidade vizinha, que havia afundado dentro de um lago há vinte anos, está de volta à terra seca. A notícia, que circulou em grupos de WhatsApp com ares de boato, ouriçou ex-moradores do município, que iniciaram um movimento de retorno a Alto do Oeste, também chamada de “Atlântida do Cerrado”. O que encontraram por lá? Muita lama e casas em ruínas. Mesmo assim, querem ficar. Em mensagem, Deusiane, alto-oestina que retornou à sua antiga casa, explica: “Tem que voltar, né? Ou daqui a pouco começa a aparecer gente querendo ocupar sua casa. Sempre tem alguém querendo tirar proveito da terra dos outros.”